**A QUEBRA DO SILÊNCIO: O ESPAÇO DA FRONTEIRA
CULTURAL NA ESCRITA DE
GLORIA ANZALDÚA E MILTON HATOUM**

**BREAKING THE SILENCE: THE CULTURAL BORDER
SPACE IN THE WRITING OF
GLORIA ANZALDÚA AND MILTON HATOUM**

Fidelainy Sousa Silva¹

DOI 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2018.143344

RESUMO: Este artigo visa a discutir sobre o espaço de fronteira cultural, tendo como ponto de partida a escrita de Gloria Anzaldúa em *Borderlands/La frontera: The New Mestiza* (2012) e Milton Hatoum em *Dois Irmãos* (2000). Trata-se de um esforço teórico para compreender o (não) lugar da escrita ficcional de resistência. Com a voz de Anzaldúa e de Hatoum, pretende-se analisar as imbricações do texto ficcional para problematizar o silenciamento identitário dos sujeitos da região de fronteira entre o México e os Estados Unidos e da região de Manaus, na Amazônia Brasileira, respectivamente.

¹ Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul na linha de pesquisa Teoria, Crítica e Comparatismos. Mestra em Literatura Comparada pela mesma instituição.

ABSTRACT: This article aims to discuss about the cultural border space, starting from the writing of Gloria Anzaldúa in novel *Borderlands/La frontera: The New Mestiza* (2012) and Milton Hatoum in novel *Dois Irmãos* (2000) (Two Brothers). It is a theoretical effort to understand the (non) place of fictional writing of resistance. From Anzaldúa's and Hatoum's voices, we intend to analyze the imbrications of fictional narrative to question the identity silencing of the subject from border region between Mexico and the United States and also the vicinity Manaus in the Brazilian Amazon, respectively.

PALAVRAS-CHAVE: Fronteira cultural; Silenciamento identitário; *Borderlands*; *Dois Irmãos*.

KEYWORDS: Cultural border; Identity silencing; *Borderlands*; *Dois Irmãos*.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS – O ESPAÇO DO SILÊNCIO

No cenário da literatura contemporânea, as temáticas sobre as questões identitárias de sujeitos deslocados, ao longo dos anos, consolidaram o debate sobre os espaços de fronteiras culturais. No entanto, em decorrência dos anos de silenciamento das regiões de fronteiras, é necessário adentrar esse espaço do silêncio repleto de incontáveis narrativas sobre exílio e deslocamentos,

para rediscutir literaturas fora do cânone. Nesse sentido, a discussão sobre o espaço de fronteira cultural será conduzida a partir da leitura de dois romances²: *Borderlands/La frontera: The New Mestiza* (2012), de Gloria Anzaldúa, o qual contempla questões atuais sobre a multiplicidade identitária e o romance *Dois Irmãos* (2000), de Milton Hatoum, obra que coloca em evidência o silenciamento dos sujeitos amazônicos.

Diante desse recorte literário, a proposta desse trabalho é problematizar, no âmbito da reflexão crítica, regiões de fronteiras culturais como espaço suscetível de silenciamento das identidades. Para este estudo, pretende-se estabelecer a análise de um *corpus* literário em diálogo com os Estudos Culturais para ressaltar os processos culturais não hegemônicos das regiões fronteiriças da Amazônia brasileira e da fronteira entre México e Estados Unidos da América. Conforme Homi Bhabha (2012, p. 19), “encontramo-nos no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão”. Nessa esteira teórico-argumentativa, Bhabha destaca a relação complexa entre espaço e tempo, no sentido de que ambos são agentes transformadores dos su-

² Estas duas obras foram discutidas em minha dissertação de Mestrado, intitulada *A multiplicidade do sujeito de fronteira: As feridas abertas nas narrativas Borderlands la frontera, de Gloria Anzaldúa, e Dois Irmãos, de Milton Hatoum* (2017), defendida no PPG Letras da UFRGS.

jeitos culturais da fronteira. A partir deste posicionamento, pretende-se colocar em relevo os elementos convergentes do romance de Milton Hatoum e a da narrativa de Gloria Anzaldúa, para que, dessa forma, seja problematizada as regiões de fronteira a fim de revelar a multiplicidade das identidades silenciadas. Portanto, a quebra do silêncio ocorre diante das intersecções das vozes narrativas, visto que a plurissignificação cultural no contexto de fronteira atua como denúncia da homogeneização identitária e do apagamento da voz *chicana*³ de Anzaldúa e da voz amazônica de Hatoum.

A DENÚNCIA DO SILÊNCIO NA VOZ DE GLORIA ANZALDÚA

Borderlands/La frontera: The New Mestiza (1987), de Gloria Anzaldúa, é o livro considerado marco representativo da voz chicana porque agrega aspectos literários e teóricos sobre a fronteira entre México e Estados Unidos como área cultural⁴. A romancista e crítica ergue a teoria *Borderlands*⁵ como o lugar de enunciação, sendo este conceito necessário para compreender a complexidade do espaço geral da fron

³ Identidade mexicana norte-americana e ou mexicana-americana.

⁴ A teórica Sonia Torres, em seu livro *Nosotros in USA* (2001), aponta inúmeros escritores, artistas e teóricos que têm trabalhos dedicados às questões culturais da fronteira México-Estados Unidos.

⁵ Utilizo o nome *Borderlands*, em inglês e em itálico, para designar a teoria sobre essa área fronteira que excede os limites da fronteira geográfica. Utilizar a tradução em português poderia gerar confusão com os outros conceitos de fronteira, levantadas ao longo desse trabalho.

teira para além da linha divisória entre dois países. Nesse sentido, Anzaldúa alcança visibilidade não somente por reconhecer a importância da identidade de mexicanos em solo-norte-americano, mas também por ter teorizado sobre esse espaço silenciado. Anzaldúa rompe o silêncio histórico-cultural e colabora com as reivindicações do movimento *chicano*⁶ em busca da afirmação das várias identidades dessa região de fronteira, violentamente marcada pela supremacia da cultura norte americana em detrimento da cultura mexicana. Em território norte-americano há certa relação de poder exercida sobre as identidades *mestizas*, nesse sentido, em *Borderlands/la frontera: the new mestiza* (2012), Anzaldúa desenvolve a teoria chamada *Borderlands*, na intenção de expor esse silenciamento da heterogeneidade identitária dos mexicanos e norte-americanos que vivem nessa região fronteiriça. A teoria compreende questões culturais dessa região de deslocamentos para problematizar sobre identidades móveis para além da semântica geográfica do termo fronteira. A partir destas questões, Anzaldúa apresenta como elemento de partida o processo histórico desta região para elucidar a formação dessas mesclas identitárias.

Assim, em sua narrativa, a ‘identidade *mestiza*’ está pautada na interdependência cultural do sujeito mexicano

⁶ O Movimento *chicano* ocorreu no Sul da Califórnia em 1966. Segundo Moore, (1973, p. 277), a ideia original surgiu de conferências realizadas na Universidade de Los Angeles; os patrocinadores católicos, jovens estudantes e artistas reivindicavam representatividade política para o mexicano-norte-americano que, até então, não fazia parte do quadro de representantes dos Estados Unidos.

-americano com o espaço dessa complexa região fronteiriça. A compreensão da existência da identidade mestiça em termos teóricos postula um espaço argumentativo de resistência contra a homogeneização cultural e, conseqüentemente, Anzaldúa assume o lugar de transgressora dos modelos culturais canônicos que massivamente silenciaram a identidade do mexicano em território norte-americano.

A narrativa de Gloria Anzaldúa está pautada, principalmente, no desejo de denunciar o massacre cultural mexicano durante a guerra entre os Estados Unidos e México, durante os anos de 1846 a 1848. Historicamente este emblemático processo imperialista norte-americano transformou essa região em palco de disputas políticas e geográficas ao longo de todo século XX. Segundo Joan W. Moore, em seu trabalho intitulado *Los mexicanos de los Estados Unidos y el Movimiento Chicano* (1973), afirma que depois da guerra os mexicanos não só perderam o direito legal de pertencimento ao México – país natal –, mas também perderam o direito de falar a língua materna e, conseqüentemente, tiveram usurpado o direito a possuírem uma identidade mexicana. Em vista disto, Anzaldúa declara: “minhas ‘histórias’ são atos encapsulados no tempo, ‘decretados’ quando elas são faladas em voz alta ou lidas em silêncio” (ANZALDÚA, 2012, p. 89). A imperatividade natural de um sujeito que grita por seu povo, descreve a intenção de perpetuar essa voz que denuncia o silêncio imposto à identidade mexicana. Além disso, Anzaldúa, por ter vivido nessa região tensa de

fronteira, percebeu o quanto eram diversas e contraditórias as justificativas para inferiorizar a identidade quase sempre baseadas em estereótipos⁷ cruéis oriundos do período de guerra.

Na primeira parte do livro, Anzaldúa faz um relato histórico sobre as guerras territoriais e as implicações políticas e econômicas advindas das reconfigurações dos limites em torno da fronteira entre México e Estados Unidos. A autora também relata a construção de um espaço mestiço marcado por sofrimento, pois a fronteira territorial afastou o povo mexicano de sua própria história. Na segunda parte do livro, a autora escreve poemas que expressam as dores dos conflitos de sua alma *chicana*. O livro é escrito em língua espanhola e língua inglesa, pois, como justifica Anzaldúa (2012), a simultaneidade no uso das línguas é a melhor forma de representar a *dualidade* de identidade do sujeito de fronteira. Segundo Gayatri Spivak (2010), o subalterno pertence “às camadas mais baixas da sociedade”, mas insiste em romper o silenciamento com posturas culturais transgressoras. Os enfrentamentos, tais como a escrita *chicana* de Anzaldúa, provocam fissuras epistemológicas do saber. Dessa forma, o subalterno descrito por Spivak, assim como o sujeito de fronteira anzalduaniano, não pertencem a um lugar de unicidade cultural, mas sim são vozes atuando

⁷ Segundo Moore as personagens mexicanas são representadas como preguiçosas, traiçoeiras, merecedoras de castigo e quase sempre destinadas à pobreza e à miséria. (MOORE, 1973, p. 18).

em vários espaços *enunciativos* ao mesmo tempo.

A obra de Anzaldúa é uma narrativa forte, uma vez que condensa episódios de violência física e emocional contra os mexicanos no âmbito cívico e moral, no entanto, a autora enfatiza a situação por meio do conflito identitário. Este fato demonstra a complexidade da construção de identidade, porque são duas vozes – mexicana e americana – lutando e coexistindo: “Because I, a mestiza, continually walk out of one culture and into another, because I am in all cultures at the same time, alma entre dos mundos, tres, cuatro, me zumba la cabeza con lo contradictorio. Estoy norteada por todas las voces que me hablan Simultáneamente.” (ANZÁLDUA 2012, p. 99)⁸. Dessa forma, Anzaldúa revela toda a complexidade de vozes convivendo em seu “Eu interior”, ou seja, é necessário lançar o olhar até o passado para prosseguir e para compreender as interfaces das hibridizações das práticas culturais, conforme proposta de Néstor García Canclini (1997). A condição de *mestiza* de Anzaldúa se dá por ela assumir todas suas faces: mulher, mexicana, americana, indígena e teórica, contudo, mesmo assumindo todos esses papéis, ela não é um sujeito fechado e completo, pois, “*la mestiza* é um produto de transferência de valores culturais e espirituais de um grupo para outro” (ANZALDÚA, 1987, p. 705). Com isso, ela pretende desconstruir

⁸ Porque eu sou uma mestiça, continuamente indo de uma cultura para outra, faço parte de todas as culturas ao mesmo tempo, alma entre para dois mundos, três, quatro, me desoriento com o contraditório. Estou norteada por todas as vozes que me falam simultaneamente. (tradução minha)

os modelos culturais fixos pré-estabelecidos que dividiam as identidades de acordo com as nacionalidades. Segundo Anzaldúa, a identidade é “transferência de valores”, ou seja, há uma nova forma de compreender identidade, ainda que a autora esteja descrevendo essa situação específica da região fronteira entre México e Estados Unidos, essa possibilidade se expande à outras realidades culturais. Desse modo, entende-se que a identidade é o próprio movimento das práticas culturais, considerando os incontáveis encontros com outras práticas de culturas distintas para efetuar o processo para a quebra do silêncio imposto às regiões de fronteiras.

A estreita relação do leitor com a narrativa de Gloria Anzaldúa está pautada na imbricada trajetória de vida da escritora com os intercruzamentos da identidade *chicana*, assim, o leitor pode vivenciar, através da leitura da obra, as cenas desse complexo processo identitário de uma narradora-personagem. Contudo, além de ser escritora de si mesma, Anzaldúa é a voz representante de todo um grupo social. Além disso, ao descrever sua história familiar, ela passeia entre os horrores da guerra e a leveza das anedotas de narrativas contadas à irmã antes de dormir. Em suas narrativas, Anzaldúa flagra seu *Eu* exposto dentro das histórias, face a face com a sua própria imagem *chicana* da autora refletida em seu espelho interior. A partir de então, fica evidente que ela narra, principalmente, a imagem de um *eu* coletivo. Logo, a identidade *mestiza*, que é o ato

complexo de descrever a si mesma refletindo vários lugares identitários, representa a multiplicidade do Ser⁹ de todos os sujeitos daquela região. Por isso, Anzaldúa, muitas vezes, narra em primeira pessoa do discurso, porém continua atuando em lugar de uma voz coletiva.

Foi assim também que o teórico Walter Mignolo (2003) descreveu essa escritora, sendo Anzaldúa “um *locus* de enunciação onde se misturam diferentes tipos de conhecimento e expressões individuais e coletivas” (MIGNOLO, 2003, p. 25). Sendo assim, a compreensão dessa autora ultrapassa as definições fixas e, ao mesmo tempo, toma os conceitos de identidade *mestiza* e de multiplicidade do Ser para salientar que tais conceitos constituem seu próprio ato de escrita *mestiza*. Além disso, a escrita de Anzaldúa pode ainda ser vista a partir da relação espaço e identidade conforme apresentado por Abdala Junior (2004), sendo esta percebida como “locus atravessado por toda gama heterogênea das ideologias e valores socioculturais que constituem qualquer sujeito” (ABDALA JUNIOR, 2004, p. 119). Ou seja, a teoria *Borderlands* e o ato de escrita ficcional representam um lugar teórico de várias identidades de fronteiras e não somente do lugar fala de Anzaldúa, uma vez que, a autora se configura, ao mesmo tempo, como sujeito

⁹ Esse termo, cunhado na obra de Anzaldúa, foi título de um artigo intitulado *A fronteira como locus de enunciação da identidade mestiza. Gloria Anzaldúa e a multiplicidade do ser*, que publiquei na revista *Cadernos Neolatinos* da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2016.

modificado e sujeito modificador desse espaço cultural. Cabe destacar, portanto, que este o esforço ficcional de Anzaldúa recebe o caráter histórico-cultural e amplia essa narrativa como elemento de resistência contra outros silenciamentos de diferentes regiões de fronteiras culturais como, por exemplo, o silenciamento identitário percebido na região amazônica brasileira.

A COMPLEXA IDENTIDADE AMAZÔNICA EM *DOIS IRMÃOS*

O romance *Dois Irmãos* (2000) transcorre na cidade de Manaus em meados do século XX. Nessa época, a cidade de estrutura urbana planejada em estilo neoclássico convivia em perfeita harmonia com a Floresta Amazônica. Entretanto, a partir da instalação da zona portuária e da consequente efervescência econômica, houve um desordenado crescimento populacional. O inchaço urbano foi um dos principais fatores determinantes para o início do desequilíbrio entre floresta e a cidade. Entretanto, devido a esse aglomerado de sujeitos de várias nacionalidades, a cidade de Manaus também se torna um complexo cultural de (*entre*)vivências e hibridização das práticas culturais.

No romance as vivências de personagens indígenas, árabes e ribeirinhos, entre outros, fomentavam a transformação das práticas culinárias e adaptavam as festividades culturais e religiosas. Homi Bhabha (2012)

refuta a ideia de que para compreender os sujeitos de regiões heterogêneas é preciso partir do aspecto da *diversidade cultural*. De acordo com Bhabha, existe certa imposição de “identidade única” no ato de considerar *diversos* sujeitos sob uma mesma imagem nacional, por isso é preciso que o *diverso* não seja considerado como igual. A diversidade precisa marcar as vozes dissonantes e não homogeneizar os sujeitos. Para se discutir esta questão, Bhabha levanta o termo *diferença cultural* como espaço teórico favorável; conseqüentemente, este espaço contempla as narrativas deste trabalho e torna-se termo teórico para se discutir os sujeitos de várias nacionalidades presentes nas narrativas de Hatoum e de Anzaldúa. É exatamente na *diferença cultural* que os sujeitos são atuantes de suas diferenças de nacionalidades, de raças e de religiosidades, contrariando o discurso hegemônico unificador de espaços culturais.

Segundo Gilson Penalva (2012) os textos literários *Inferno Verde*, de Alberto Rangel (1927) e a obra *a Selva*, de Ferreira de Castro (1972), foram construtores de um imaginário sobre a região Amazônica, visto que apontavam sujeitos embrutecidos pelas condições adversas da natureza, além de marcarem o atraso econômico, limitavam-se ao clima da região, aos costumes culinários e/ou festivos, divulgando, principalmente, a imagem de um lugar exótico e inóspito à vida. Ou seja, o silenciamento identitário da Amazônia, em grande parte, está atrelado a esses estereótipos. No entanto, o romance *Dois Irmãos* (2000) é uma narrativa

pautada tanto no conflito identitário, quanto no poder econômico dos barões da borracha, como se lê a seguir: “ouvira dizer que Manaus crescia muito, com suas indústrias e seu comércio. Viu a cidade agitada, os painéis luminosos com letreiros em inglês, chinês e japonês. (HATOUM, 2000, p. 226). Dessa forma, a narrativa de Hatoum gira em torno da complexa construção de identidade na Amazônia, vivida por uma família de descendentes libaneses. As personagens estão no limbo, entre a beleza e as agruras da vida. Galib, imigrante libanês, chegou ao Brasil trazendo consigo sua filha, Zana, que se casou com Halim. A festa do casamento é um dos marcos da complexidade identitária do lugar: “Galib convidou alguns amigos do porto da Catraia, das escadarias dos Remédios, pescadores e peixeiros [...]. Uma mistura de gente, de línguas, de origens, trajes e aparências (HATOUM, 2000, p. 53).

Hatoum apresenta os sujeitos amazônicos para debater a condição humana e, sobretudo, constrói sua narrativa sobre aspectos complexos dos gêmeos Omar e Yaqub como personagens responsáveis por grande parte das relações entre vida, amor, ódio e família. A diferença de personalidade dos gêmeos está intrinsecamente ligada às relações que cada um viveu nos espaços amazônicos. Omar viveu em Manaus com os pais e sob a proteção do favoritismo materno e não conseguiu de fato um rompimento efetivo com a família. Essa personagem realizou várias tentativas de viver longe de casa como se tivesse exter-

nando os trânsitos entre a cidade, a floresta e os rios, movimentação essencial da região de Manaus dessa época. Porém, Omar, mesmo quando viveu à beira dos rios ou em outros espaços amazônicos, acabava preso ao movimento de retorno ao lar. Diferentemente de Omar, o gêmeo Yaqub, ainda na adolescência, foi enviado ao Líbano e depois de anos retorna à casa dos pais como um estrangeiro em sua própria terra. Já adulto, mudou-se permanentemente para São Paulo e, o seu retorno à casa dos pais é configurado como breves momentos, consagrando as tentativas de retornos como a constante movimentação identitária de Yaqub. É importante destacar que os irmãos sofrem pressões diferentes do espaço: Omar não consegue sair da casa dos pais e Yaqub não consegue retornar à casa, mas são esses comportamentos paradoxais os elementos construtores de certa visão analógica com o espaço amazônico. É como se Hatoum estivesse desenhando vários perfis desse espaço cheio de imigrantes e indígenas para, assertivamente, condensar vários níveis de fluxos identitários e afirmar a ineficiência das fronteiras geográficas como limitadoras dos movimentos dessa região. Ou seja, as identidades da região amazônica ultrapassam os limites das fronteiras terrestres e se expandem aos movimentos inter-relacionais entre os sujeitos como também foi elucidado através da narrativa de Anzaldúa.

Ainda sobre as personagens do romance *Dois Irmãos*, outro exemplo é a relação de submissão de Domin-

gas, indígena e serva, com Zana, a matriarca da família. Essas personagens da narrativa não categorizam o “mal” e o “bem”, pelo contrário, as personagens configuram extremos identitários entropostos, que fazem parte da proposta de Hatoum de denunciar as etapas da construção de identidade do sujeito manauara. Quando descreve a personagem Domingas, mãe do narrador Nael, como órfã, indígena, serva, serviçal, escrava e outros adjetivos, marcadamente, o autor expõe a multiplicidade dessa indígena aculturada. O narrador Nael conta que “via mulheres cujos rostos e gestos lembravam os de minha mãe, via crianças que um dia seriam levadas para o orfanato que Domingas odiava” (HATOUM, 2000, p. 80-81). Essas passagens ultrapassam o caráter apenas ficcional, pois, ao passo que Hatoum descreve a relação de Domingas e Zana como uma forma de ilustração das camadas sociais do espaço Amazônico de Manaus, também revela a heterogeneidade identitária como caráter da fronteira cultural.

Para afirmar a quebra do silêncio do espaço de fronteira no romance de Hatoum, é preciso perceber as confluências do texto literário com seu papel social. Segundo Maria Elisa Cevasco, “o trabalho da crítica é evidenciar as ligações entre a forma social e a forma estética, as duas com aspectos diferentes, porém não alheios, de uma mesma estrutura (CEVASCO, 2009, p. 323). Nesse sentido, é possível afirmar que a quebra do silêncio ocorre, por exemplo, em todas as cenas que Domingas

foi silenciada ao longo de sua vida. Ou seja, ao descrever uma indígena silenciosa e fora de sua aldeia, Milton Hatoum demonstra o processo cruel do massacre indígena na Amazônia. Portanto, o romance se configura como o próprio ato de fala de sujeitos indígenas silenciados, considerando a escrita como um dos processos para a quebra do silêncio imposto a esse espaço cultural de fronteira.

Em consonância a esse pensamento, a teórica chilena Ana Pizarro (2004) compreende a Amazônia como área cultural e chama atenção para a impossibilidade de rotular ou essencializar essa região. Portanto, essa área cultural é esse complexo multicultural, perpetuado através da junção dos elementos naturais, dos vários processos de povoação, das explorações, das extrações, dos problemas com as comunidades indígenas. A respeito desse tema, a própria autora afirma: “a Amazônia é hoje, para nós, como para todos, de um ponto de vista internacional, um centro de elaboração cotidiana de cultura” (PIZARRO, 2004, p. 33). Logo, as vozes dissonantes precisam continuar coexistindo nesse espaço heterogêneo da fronteira cultural amazônica. Nesse sentido, a complexa identidade amazônica vista em *Dois Irmãos*, está atrelada não só aos personagens ficcionais, mas também aos reais, como o próprio autor Milton Hatoum que, apesar de borrar as evidências de sua vida em sua obra, deixa evidente sua relação com os sujeitos dessa região. Logo, por meio da narrativa de Hatoum, se percebe a fronteira cultural da re-

gião amazônica, caracterizada como lugar de misturas, de travessias, de viagens, que abrange todos sujeitos híbridos resultantes desses encontros identitários.

Ademais, Milton Hatoum não se limita à distinção entre realidade ou ficção, nem aos limites causados pelas disputas territoriais na Amazônia. Entretanto, ele usa todos esses elementos para reconstruir um imaginário mais complexo sobre a região amazônica. É preciso dizer que Gloria Anzaldúa também usa os fatos e as figuras sociais da obra não apenas como personagens fictícios, mas também como agentes necessários para repensar a realidade e (re)escrever a realidade fronteiriça, assim como Hatoum faz com a imagem da Amazônia. Ambos escrevem sem superficialidades identitárias, tratando de realizar um discurso que antagonize posturas essencialistas sobre identidades. Considerando, ainda, a diferença cultural, proposta por Bhabha (2012), a imagem do todo não deve prevalecer em detrimento das particularidades das identidades.

Assim, no quadro geral, uma imagem representativa da Amazônia e da fronteira México e Estados Unidos é uma ideia de representação nacional fajuta, pois essa forma unilateral de identificação não compreende a *diferença* pelo que difere, ao contrário, estabelece o *igual* como padrão unificador de identidades. Ou seja, a literatura é um meio para reverter os silenciamentos. No entanto, os sujeitos dessas narrativas analisadas não seriam compreendidos se os métodos de estudo não estivessem atrelados a esse

lugar de debate teórico e metodológico insubordinado à *episteme* do cânone literário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – O (NÃO) LUGAR DA FRONTEIRA CULTURAL

De certa maneira, a fronteira cultural vai ao encontro da noção de *diferença cultural* proposta por Bhabha (2012), sendo este termo o que, de certo modo, retoma o debate sobre o espaço para as vozes dos indivíduos que foram silenciados e sempre estiveram à margem do centro. Nesse sentido, compreendemos que, em *Borderlands* e *Dois Irmãos*, o sentido da *diferença* aceita a disputa identitária e não prevê um espaço harmônico entre os iguais. Anzaldúa e Hatoum constroem narrativas tendo em vista a denúncia contra o silêncio identitário imposto e, devido a isso, tornam-se transgressores do conceito unilateral de territorialidade do espaço, uma vez que por não concordarem com a fronteira apenas como marcação territorial de um estado-nação. Para ambos os escritores, a fronteira cultural é o espaço complexo de trânsito em que a identidade *mestiza* e a identidade amazônica definem a multiplicidade não só para sujeito, mas também para múltiplas definições do próprio conceito de fronteira.

Dito de outra forma, a fronteira cultural vai além da linha imaginária divisora de espaço em estado-nação, ela é o lugar de toque entre culturas “postuladas” como

diferentes. São esses encontros das regiões de fronteiras culturais que expandem a construção de novas faces identitárias dos sujeitos. Nessa perspectiva, o caráter transformador da teoria *Borderlands* e da voz de Hatoum continuam agredindo quaisquer postura política cultural de pureza nacional. O fato é que depois dos recortes aqui realizados é possível afirmar que os textos de Anzaldúa e Hatoum deslizam a todo instante entre categorias relacionáveis à fronteira como espaço pluricultural. Considera-se, portanto, que a quebra do silêncio é necessária para destituir o poder centrado apenas nas idealizações de grandes nações homogeneizadoras de identidades culturais, sejam estas de regiões fronteiriças ou não.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004.

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: the new mestiza*. 2. ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

_____. *Borderlands/La Frontera: the new mestiza*. 4. ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Tradução de Myriam

Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. In: Culturas híbridas, poderes oblíquos. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

CASTRO, Ferreira de. *A selva*. São Paulo: Verbo. Ltda., 1972.

CEVASCO, Maria. Elisa. Literatura e estudos culturais. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Orgs.) *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.

HATOUM, Milton. *Dois Irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Relato de um certo oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MIGNOLO, Walter. D.; Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Revista Gragoatá*, 2003.

MOORE, Joan W. *Los mexicanos de los Estados Unidos y el*

movimento Chicano. México: Fondo de Cultura Econômica, 1973.

PENALVA, Gilson. *Identidade e hibridismo cultural na Amazônia brasileira: um estudo comparativo de Dois Irmãos e Cinzas do Norte, de Milton Hatoum, e A Selva, de Ferreira de Castro*. Tese de Doutorado. João Pessoa, 2012.

PIZARRO, Ana. Áreas Culturais na modernidade tardia. In: ABDALA JUNIOR, Benjamin (Org.). *Margens da cultura: mestiçagem hibridismo e outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004.

RANGEL, Alberto. *Inferno verde* (Scenas e cenários do Amazonas). Tours: Typographia Arrault & Cia, 4. ed., 1927.

SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida e Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TORRES, Sonia. *Nosotros in USA: literatura, etnografia e geografias de resistência*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.

Submissão: 08/02/2018

Aceite: 08/05/2018